

HOMENS DE CIÊNCIA NO BRASIL OITOCENTISTA

Mariah Martins¹

Paulo Vinícius Aprígio da Silva²

Quem são os nomes que se escondem por trás das referências e titulações. O que guardam, quais são as suas projeções, o que pensam, o que sentem, como agem? Uma das maiores dificuldades dos futuros pesquisadores passará pela necessidade de estabelecimento de um *corpus* de fontes que sejam mais do que meros repositórios de informação. Com as necessidades emergenciais do hodierno, e-mails, mensagens de texto, mensagens por mídias sociais são um caminho que não deixa rastro. Infortúnios tempos vindouros nos quais para se estabelecer a rede de ligações pessoais-científicas de um nome qualquer será necessária um *terabyte* de informações. Não é o caso do trabalho que se segue. Não que se quede sem preparo ou fontes, longe disso. Mas, indubitavelmente, estudar a trajetória de um homem que vivera a passagem do século XIX – XX certamente é menos complicado do que tentar recolher os cacos de informação do presente. Falamos de um tempo de mensagens escritas, cartas armazenadas, diários de campo. A materialidade dessas fontes, além de um expresso charme em comparação com a frieza das telas de computador, é eloquente: aqueles papéis foram tocados por aquele que por hora é o foco da pesquisa.

Alípio de Miranda Ribeiro nasceu em 21 de fevereiro de 1874 na cidade de Rio Preto, estado de Minas Gerais. Os pais Teotônio Vitor Saião de Miranda Ribeiro e Josefina Mascarenhas de Miranda Ribeiro, professores primários, foram também responsáveis pela sua iniciação nas letras.. Já nessa época dava demonstrações de suas aptidões e inclinação à zoologia, como citado em uma publicação sobre a trajetória e a obra do referido cientista no

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrando no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrando no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

volume XXXVII dos *Arquivos do Museu Nacional*³⁴ em 1943. Realizou os estudos secundários no Rio de Janeiro, então Capital Federal, nas escolas Malvino Reis e Mosteiro de São Bento, complementados com aulas de professores particulares como o matemático Timóteo Pereira, que se tornaria seu sogro futuramente. Nesse período envolve-se, também, com trabalhos na imprensa carioca, na qual trabalhou com Irineu Marinho.

Aluno da Escola de Medicina no Rio de Janeiro, passou a participar de atividades científicas no Museu Nacional, sendo auxiliar de Domingos Freire. Acabaria não concluindo o curso de medicina mas enveredaria pelos estudos de zoologia, tomando em outubro de 1894 posse como preparador interino da 1ª Seção (Zoologia). Quatro meses depois Alípio é nomeado preparador efetivo da 1ª Seção. Por portaria de 25 de junho de 1896, é nomeado naturalista-ajudante interino da mesma Seção do Museu, passando a naturalista-ajudante em 16 de agosto de 1897, após aprovação em concurso. Alípio passa a ocupar o cargo de secretário do Museu Nacional em 20 de fevereiro de 1899, por reforma no regulamento.

É posto à disposição do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas de 1908 à 1910, para integrar a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, subordinada a esse ministério. É promovido a substituto da 1ª Seção em 1910. Em 1912 é nomeado inspetor na nova criação do Ministério da Agricultura, a Inspetoria de Pesca, esteve à frente de sua direção durante um curto período. Foi exonerado do cargo nessa Inspetoria em 10 de dezembro de 1913, após a saída de Pedro de Toledo do Ministério da Agricultura.

Esteve presente na reunião de fundação da Academia Brasileira de Ciências, inicialmente grupo formado por professores da Escola Politécnica, juntamente com importantes nomes da ciência na época como Henrique Morize, primeiro presidente, Ângelo da Costa e Lima, A. Childe, Roquette Pinto, Alberto Betim Paes Leme, Bruno Lobo, entre outros, em 3 de maio, se tornando um dos fundadores da casa.

Por modificações no regulamento do Museu Nacional é nomeado Professor substituto da 1ª Seção nesse mesmo ano, Professor Chefe da 1ª Seção em 1929 e Professor Chefe da 3ª

³ Periódico criado em 1876 durante a segunda reforma institucional do Museu Nacional. Acabaria por tornar-se uma das principais publicações da instituição sendo portador de grande valor histórico e científico. Recebeu uma medalha de ouro pelos seus sete primeiros números em 1889 na Exposição Universal de Paris.

⁴ “(...) demonstrando, desde a mais tenra infância, a mais decidida vocação para a Zoologia, quer colecionando nos arredores do colégio de seus pais e mantendo nos porões e parque um pequeno jardim zoológico, quer traduzindo para o português (com idade de 14 anos e, havendo para tal fim estudado sem mestres o francês) os trabalhos de Buffon existentes na Biblioteca Pública de Valença, copiando-lhes as estampas a aquarela.”

Seção em 1931. Sendo, antes de seu falecimento, nomeado ao cargo de Naturalista da classe L, do quadro I, do Ministério da Educação e Saúde, ao qual o Museu Nacional estava subordinado.

Alípio publica mais de 140 trabalhos dedicados em sua maioria ao estudo da zoologia brasileira, visando o maior conhecimento do Brasil. Concentrou muitos de seus estudos na pesquisa sobre peixes, produzindo a *Fauna Brasiliensis*, obra publicada em 5 tomos pelos *Arquivos do Museu Nacional*, nos materiais adquiridos pelos anos de existência da Comissão Rondon, e nas publicações diversas em importantes periódicos científicos como os *Arquivos do Museu Nacional*, *Revista da Sociedade Brasileira de Ciências*, *Revista do Museu Paulista* e o *Boletim do Museu Nacional*.⁵

No dia 8 de janeiro de 1939 Alípio de Miranda Ribeiro falece em sua casa na Rua São Luiz Gonzaga, onde permaneceu seus últimos 39 anos, no bairro de São Cristóvão, o mesmo em que o Museu Nacional estabeleceu sua sede desde 1892. A trajetória de Miranda Ribeiro, como é possível perceber, está estreitamente ligada ao Museu Nacional. Foi o local de sua dedicação integral aos estudos científicos, e também onde expunha críticas e comentários sobre política, administração pública ou sociedade, além de lugar onde encontra-se grande parte do material de análise deste trabalho. Assim, é de extrema relevância que seja apresentado o histórico da instituição.

Criado em 1818, por decreto de D. João VI lavrado pelo Ministro dos Negócios do Reino Thomaz Antonio de Villanova Portugal, o Museu Real inauguraria um novo momento das ciências naturais no Brasil. Seu acervo seria inicialmente composto pelos espécimes restantes da antiga Casa de História Natural⁶, acrescidos pela preciosa coleção mineralógica de Werner e de um presente especial de D. João VI: uma taça-cofre de prata dourada, ornada na parte superior com escultura em coral que representa a batalha de Constantino. Fato relevante e que deve ser realçado é a participação de Dona Leopoldina, futura Imperatriz do

⁵ As informações sobre a trajetória de Alípio de Miranda Ribeiro foram obtidas no fundo Alípio de Miranda Ribeiro, e Paulo de Miranda Ribeiro, pertencentes a Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional. *Arquivos do Museu Nacional*, v. XXXVII, e v. XLII (Obra comemorativa por dez anos do falecimento do zoólogo, e ainda os Assentamentos do mesmo Museu).

⁶ Trata-se da Casa de História Natural, popularmente conhecida como Casa dos Pássaros. Por atuação do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos⁶ instituiu-se que fosse formada uma instituição com o objetivo de preparar e enviar para Lisboa os mais diversos espécimes dos reinos animal, vegetal e mineral, além de artefatos e adornos indígenas. Cumpriria mais um papel dentro das ações tomadas pelas esferas do Estado português no período: alimentar na Corte o anseio de estudiosos de ter em mãos o que melhor representaria a expressão americana do Império Luso, além de poder sistematizar e descrever tal universo, a partir de então palpável.

Brasil, primeira esposa de D. Pedro, na criação do então Museu Real. A Princesa austríaca é tida como uma das principais incentivadoras do desenvolvimento das ciências no período sendo responsável pela intermediação feita com estudiosos no exterior e por trazer expedições científicas para os trópicos. Cumpriria, em tal contexto, um papel de museu metropolitano, sendo o espaço destinado ao desenvolvimento das ciências naturais no novo centro político do Império Português.

Com o advento do processo de Independência o Museu Real torna-se Museu Imperial Nacional assumindo posteriormente a denominação de Museu Nacional. No oitocentos teve destaque principalmente durante o segundo reinado. Foi sob a tutela de D. Pedro II que a instituição ganhou força, representação e reconhecimento externo. Destaca-se o período que se estende da década de 70 a de 90 daquele século cuja principal figura fora Ladislau Netto. Ao assumir a diretoria do Museu em 1876 seria figura de inúmeras transformações. Em seu período de mando foi criada a principal publicação da Instituição, o *Archivos do Museu Nacional*, cresceu intensamente o contato com instituições no exterior, foi realizada à Exposição Antropológica de 1882, e o mesmo foi um dos grandes responsáveis pela organização da delegação brasileira na Exposição Universal de Paris. Já no final de seu exercício como diretor foi responsável, junto com o Conselho Diretor, pela transferência do Museu Nacional do Campo de Santana para o Palácio de São Cristóvão, ex-residência Imperial que servira, também, como casa da primeira constituinte republicana.

Podemos entender sua concepção/função junto ao Estado brasileiro de acordo com o ministério a que foi alocado: de sua criação até dezembro de 1822 ficou sob a tutela do Ministério dos Negócios do Reino permanecendo dessa data até abril de 1868 sob a direção dos Negócios do Império. Entre essa data e maio de 1890 foi ligado ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, passando logo em seguida para o Ministério da Instrução Pública Correios e Telégrafos onde permaneceria até dezembro de 1892, período que se estenderia até agosto de 1909 quando iria integrar os quadros do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. A partir de dezembro de 1930 passaria ao Ministério da Agricultura e Comércio, sendo integrado ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Pelo Decreto nº 8689 de 16 de janeiro de 1945, foi incorporado à Universidade do Brasil e integrado a ela pelo Decreto nº 21.321 de 18 de julho de 1946, na qualidade de Instituição Nacional, com prerrogativas idênticas às das escolas e Faculdades, sendo parte integrante do Fórum Universitário. Ocupava, portanto, papel de relevância no panorama científico nacional no

oitocentos, ao lado do Observatório Nacional, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e outros sendo um dos responsáveis pela representação dos avanços científicos brasileiros na passagem do século XIX para o XX.

A construção de um zoólogo do séc. XIX no XX

Grande parte da identificação de Miranda Ribeiro com o século XIX se dá pela imagem dos naturalistas-viajantes, característicos daquele momento. Muito do que foi produzido em termos de ciência no Brasil oitocentista tinha a presença de estrangeiros que viajaram até o Brasil em busca do conhecimento científico da América do Sul.

Figuras como Alexander von Humboldt, Auguste de Saint-Hilaire, e Von Martius, fizeram parte da construção da História Natural brasileira assim como da referência científica de Miranda Ribeiro. Para esses homens a viagem era “como uma das etapas necessárias para a transformação da natureza em ciência”. (KURY, 2001:865) Daí a importância dada por alguns homens de ciência no XIX e para seus manuais de viagem.

É possível identificar em diversos momentos de Miranda Ribeiro, em especial em seu diário de campo produzido quando zoólogo da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas (CLTEMA – 1908-1915), seu forte desejo e empolgação na participação de uma viagem, onde o zoólogo executaria no campo seu trabalho. A viagem a campo representa para esse naturalista a constituição de si próprio enquanto um naturalista, retornando a uma tradição oitocentista de naturalistas-viajantes, compreendendo essa experiência como essencial a sua identidade.

O trabalho de Alípio de Miranda Ribeiro se caracterizou, já no século XX, por essa tradição do naturalista-viajante. Muito do que o zoólogo produziu adveio de suas viagens à campo onde era possível coletar espécies para as pesquisas no laboratório, mas também era de suma importância a coleta de experiências e emoções que iam constituindo-o enquanto naturalista.

Ao nos debruçarmos sobre relatos de viagem de naturalistas-viajantes que passaram pelo Brasil durante o século XIX o quão especial era aquela tarefa de representar um local de tamanho exotismo quanto era o Brasil para aqueles, assim como buscavam demonstrar que juntamente de toda uma variedade das florestas tropicais habitava o fenômeno típico. Dessa

maneira buscavam classificar, ordenar e representar. Deveriam coletar, representar por meio de desenhos, descrever e ainda apresentá-los, tentando da forma mais completa chegar a um determinado ambiente.

Miranda Ribeiro pela necessidade de seu ofício sabia desenhar muito bem, sempre produzindo chapas dos espécimes. Produzia uma minuciosa descrição do material, com medições diversas, organizando de maneira mais precisa possível a classificação do espécime que deveria ser parte de uma coleção posteriormente. Além de toda uma especificidade característica do campo científico Miranda Ribeiro mantém os aspectos identificados na tradição oitocentista da História Natural onde para se chegar a uma minuciosa conclusão não seriam desperdiçadas informações. Desta forma, o zoólogo que tinha como interesse primordial o conhecimento científico dos animais não ignorava características da espaço e nem de outros seres. Assim como Von Martius, Miranda Ribeiro permanece retratando os lugares por onde passa, seu clima, sua terra, e ainda sua sensação, além da sempre referenciada relação entre o homem e a natureza.

É nesse emaranhado de informações, questionamentos e sugestões que o naturalista se vê obrigado a expandir seus “horizontes de expectativas”, da mesma maneira que seu “espaço de experiência” está cada vez mais ampliado, sendo recorrente a utilização da poética e dos símbolos românticos para se alcançar uma possível representação aproximada da experiência vivida pelos naturalistas. Essa é uma forma de se apresentar tantas emoções vividas que não são comportadas por imagens, desejos, e classificações. (KOSELLECK, 2006)

A tradição naturalista perpetuada na figura de Miranda Ribeiro é essa, que busca a verdade das coisas no estudo, na entrega, sem desconsiderar a experiência e a emoção. Muito desses aspectos são encontrados nas obras de Alípio de Miranda Ribeiro também, todavia, a experiência vivenciada pelo espaço/tempo do zoólogo cria marcas profundas em sua trajetória.

O período da vida do século XIX para o XX no Brasil foi marcado pelo advento da República e o fim da Monarquia como representação política governamental do país. E nesse momento muitos foram os esforços no sentido do apagamento de uma memória monárquica e, ao mesmo tempo, no sentido oposto, de uma nacionalidade republicana, que trazia, além da forte propaganda de integração nacional, a noção de progresso.

Apesar da participação de Alípio de Miranda em projetos republicanos como a Comissão Rondon, que detinha o profundo apelo da filosofia positivista brasileira com

Cândido Rondon⁷, seu chefe, e conseqüentemente valorização das ciências, ainda assim observamos a manutenção de tradições naturalistas do século passado especialmente no reconhecimento dos componentes do campo científico.

O que Miranda Ribeiro demonstrou, às vezes com uma certa contradição, foi seu desejo de ser um naturalista brasileiro. Mesmo que tivesse como referencia figuras estrangeiras, estudando seus trabalho e buscando uma trajetória próxima das que traçaram, o zoólogo tecia duras críticas ao desenvolvimento dos estudos do território brasileiro e o que nele existia apenas ou em grande maioria por estrangeiros. Miranda Ribeiro precisava ver o Brasil conhecendo a si próprio, desejava ver os naturalistas e cientistas brasileiros produzindo estudos sobre o Brasil, mesmo que isso quisesse significar passar pelas mesmas etapas que um naturalista estrangeiro passava.

Tudo isso é muito significativo ao nos depararmos com as produções letras do zoólogo onde podemos ter como exemplos primeiramente o diário de campo que produz como participante de uma comissão interna de História Natural, e apresenta relação direta com a prática do naturalista-viajante do século XIX. Ao se embrenhar nas matas do noroeste brasileiro Alípio de Miranda Ribeiro é praticamente um estrangeiro nacional travando a todo momento modelo comparativo entre sua sociedade (litorânea) e o outro (interior). Seu diário é tanto um local de comentários variados, notas diárias, como local de desenhos de espécies novas e cenários particulares. Assim como Von Martius apenas com uma boa dose de poética é possível para o zoólogo transmitir tamanha beleza natural.

Outro especial exemplo é a publicação “*Fauna Braziliense*” que claramente pode-se remeter ao famoso “*Flora Brasiliensis*” de Carl Philipp von Martius. A primeira publicação, de autoria do zoólogo brasileiro, é dividida em tomos que foram publicados durante anos nos Arquivos do Museu Nacional e demonstram a aspiração de Miranda Ribeiro no famoso botânico alemão que, juntamente a outros naturalistas, produziu entre os anos de 1840 e 1906, uma obra de 15 volumes que contém 22.767 espécies da flora, em grande parte do Brasil. Foi nessa grande obra enciclopédica que Ribeiro se inspirou para publicar seus trabalhos, desejando mostrar que o Brasil poderia produzir ciência brasileira e não mais apenas ter de se voltar aos alemães ou ingleses para conhecer seu próprio país.

⁷ Candido Moreira da Silva Rondon (Santo Antônio do Leverger, 5 de maio de 1865 — Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1958). Militar e sertanista brasileiro ficou conhecido pela sua atuação à frente da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas.

O posicionamento de Miranda Ribeiro em torno da política, da administração pública e da sociedade também marcam esse cientista que se colocava diante de variadas situações, inclusive trazendo sempre uma lembrança das situações passadas, como no caso de uma publicação acerca da história da zoologia no Brasil, e outra sobre o Museu Nacional, o que já havia produzido e o que se visualizava ao futuro. Dessa forma, Alípio desejava ser um cientista que não apenas se voltasse para sua pesquisa científica de laboratório, buscava ser um naturalista, um pensador, um letrado, tomando seu lugar de fala e mantendo uma tradição.

Verificamos em diários de campo e nas publicações enciclopédicas o modelo de escrita dos naturalistas-viajantes do século XIX, porém com novas táticas para um olhar sobre o “nós”. Por meio da análise do referido diário de campo e da documentação encontrada no arquivo do zoólogo custodiado pelo Museu Nacional/UFRJ, pode-se compreender que os modelos científicos vigentes no século XIX continuam sendo utilizados no início do século XX. Pela indefinição dos campos do conhecimento, pode-se observar a atuação do zoólogo como um antropólogo ou historiador, que num mesmo movimento busca relatar a natureza e os homens para a construção de uma identidade nacional e de sua própria identidade enquanto cientista.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, José Cândido de Melo. **Museu Nacional**. Boletim do Conselho Federal de Cultura, n. 28, p. 29-68, 1977.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. **As ciências na História Brasileira**. Ciência e Cultura. São Paulo: vol.57 no.1. Jan./Mar, 2005.

KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2009.